

Sino Azul

Nº 2 — 1962



REVISTA DOS
EMPREGADOS
DAS ORGANIZAÇÕES

NO XXXV Nº 2 — 1962

CAIXA POSTAL 450
RIO DE JANEIRO



REVISTA DOS
EMPREGADOS
DAS ORGANIZAÇÕES:

COMPANHIA TELEFÔNICA
BRASILEIRA

COMPANHIA TELEFÔNICA
DE MINAS GERAIS

COMPANHIA TELEFÔNICA
DO ESPÍRITO SANTO



NOSSA CAPA

Torre do sistema telefônico pela micro-onda, na serra do Curral, em Belo Horizonte, cujo serviço está prestes a ser inaugurado, tornando, assim, mais rápidas, as comunicações da capital mineira com o Estado da Guanabara.

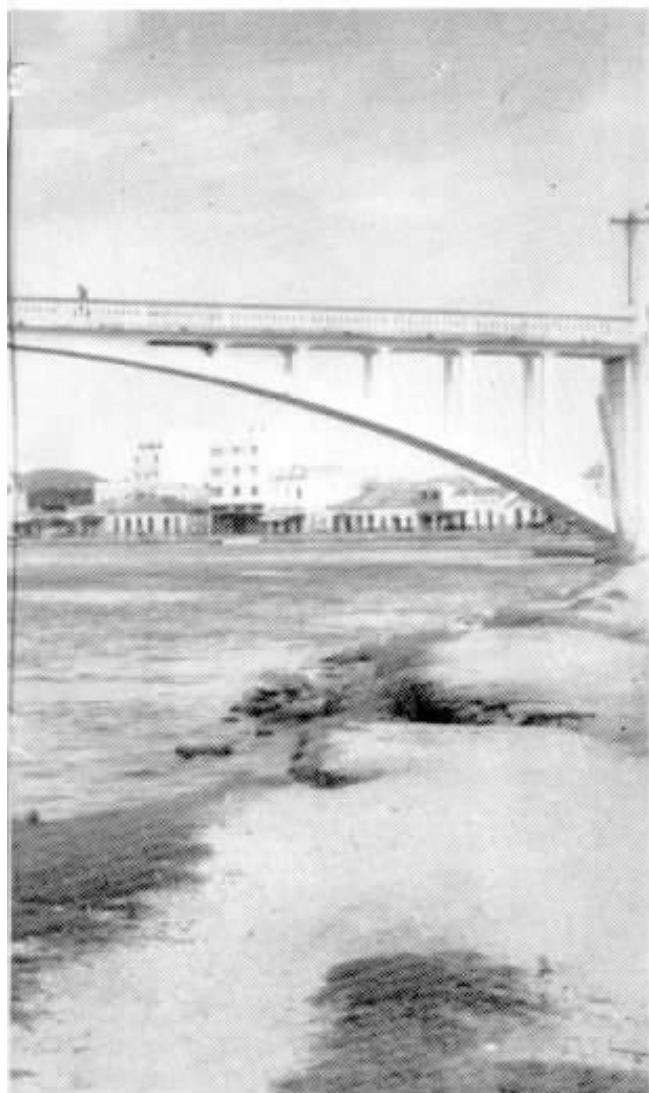


Tendo como bela moldura a famosa ponte de Cabo Frio e, ao fundo, algumas das edificações mais importantes da bela cidade do sal, as co-

Cabo Frio

Costa do Sol

Já foi terra dos Tamóios



legas Dionete Ferreira da Mota e Maria Auxiliadora, numa hora de lazer a aproveitar. O excelentíssimo prefeito municipal, Dr. Edilson Lopes Moreira Duarte, com a Telefonista-Chefe Nilza M. da Silva.

NO princípio eram os índios os donos da terra. E assim começam as histórias dos nossos municípios. Cabo Frio também foi assim. Primitivamente habitadas pelos Tamóios, suas terras fizeram parte da Capitania de São Vicente e se estendem, hoje, por uma área calculada em 519 km².

É uma das mais antigas localidades brasileiras, podendo ser considerada como o marco inicial da história do devassamento da velha província fluminense. Dizem que foi Américo Vespúcio quem a descobriu. Aí por volta de 1503, o famoso navegador que deu nome ao continente teria ali aportado e dado nome ao local em que desembarcou: Praia do Cabo da Rama. Essa localidade, segundo os historiadores, é agora chamada Praia do Anjo e fica situada no Arraial do Cabo.

Américo Vespúcio teria mandado edificar ali uma casa de barro, coberta

de palha, onde deixou 24 homens, com a finalidade de guarnecer o litoral. Logo após essa visita de Américo Vespúcio, surgiu nas cartas de navegação, o nome de "Cabo-Frio" e de "Ilha de Cabo-Frio". Os historiadores são unânimes em afirmar que o topônimo é proveniente do intenso frio que se constata na referida zona, durante os meses de junho a agosto.

As terras citadas viram intensas lutas entre os portugueses, seus defensores, e os flibusteiros e navegadores de outras nações que ali pretendiam abastecer seus navios ou fazer contrabando de pau-brasil, então abundantíssimo na região, e valiosíssimo, também. Nasceu disso, a idéia de construir o forte de São Mateus pelo primeiro governador de Cabo Frio, Estêvão Gomes, em volta de 1616, bem em frente ao primitivo de Santo Inácio, construindo por Constantino Menelau. Nessas lutas tiveram excepcional destaque, Mem de Sá, seu sobrinho Salvador

de Sá, e Arariboia, o intrépido e lendário silvícola brasileiro, tão ligado à terra fluminense.

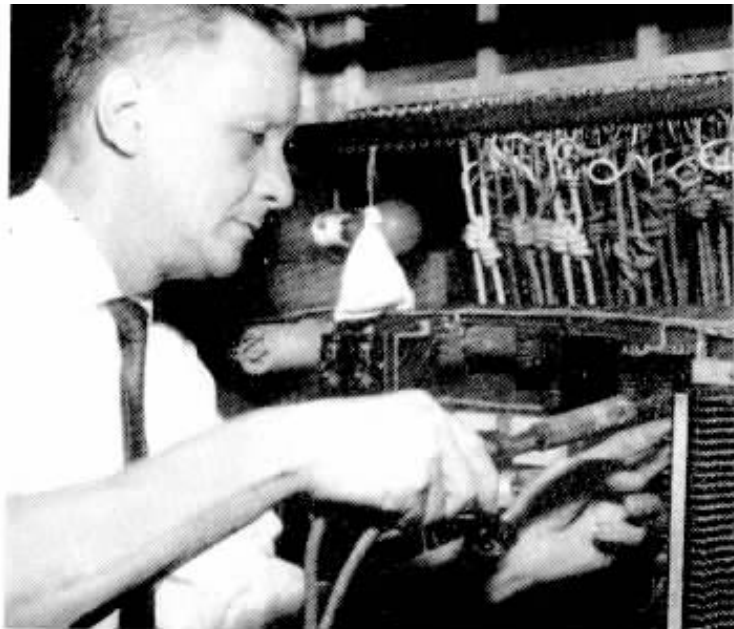
A partir dessa época, levantado de vez o prestígio das armas lusas, intensificou-se a imigração naquelas paragens, como era natural, com predominância do elemento português ao qual muito deve a prosperidade de Cabo Frio. Necessário se torna, também, e muito, realçar o braço escravo do negro, no período anterior à Abolição, que, introduzido pelos senhores, os primitivos colonizadores, muito concorreu para a expansão do lugar. Após a decretação da Lei Áurea, a velha comuna sofreu um colapso em sua organização agrícola, atingindo a atual situação de desinteresse pela lavoura, o que se pode verificar pela sua produção, relativamente pequena, neste setor de atividade econômica. Nota-se, ainda, como importante fator desse declínio, o êxodo do trabalhador rural que busca nos grandes centros, melhor remuneração e maior conforto, ou então deriva as suas atividades para a indústria do sal e para a pesca, que representam os esteios mestres da economia de Cabo Frio.

O município localiza-se na zona fisiográfica da baixada de Araruama e seu território é quase todo plano, não possuindo grandes elevações. Dista 113,2 quilômetros de Niterói, a capital do Estado, no rumo oeste.

De clima agradável e salubre, tem estiagens periódicas que ocorrem entre abril e outubro, verificando-se nos restantes meses, a queda de chuvas torrenciais.

Perto de vinte e cinco mil habitantes são encontrados em Cabo Frio, mas sendo no momento, um dos locais de maior evidência na sociedade do Rio, sendo mesmo classificado como lugar "bem", pela crônica social, essa população, principalmente nos fins de semana é muito aumentada, pela presença daqueles que ali têm sítios de descanso, pelos iatistas e pescadores amadores que a procuram e pelos muitos que ali vão em excursão em busca dos sítios históricos, das múltiplas atrações que realmente exigem a presença de turistas em Cabo Frio, como armações dos Búzios, as ruínas do velho forte de S. Mateus, o Convento dos Franciscanos, a Ermida da Virgem Maria, o pitoresco Bairro da Passagem, o farol do Promotório, as co-

Ao lado, algumas das colegas que mantêm Cabo Frio em contacto telefônico com o Brasil. São de algumas centenas as chamadas registradas, diariamente, por essas mocas.



Lino D. Bezerra, de Linhas Interurbanas, tem cuidados extremos com a mesa telefônica, para que se obtenham boas comunicações.

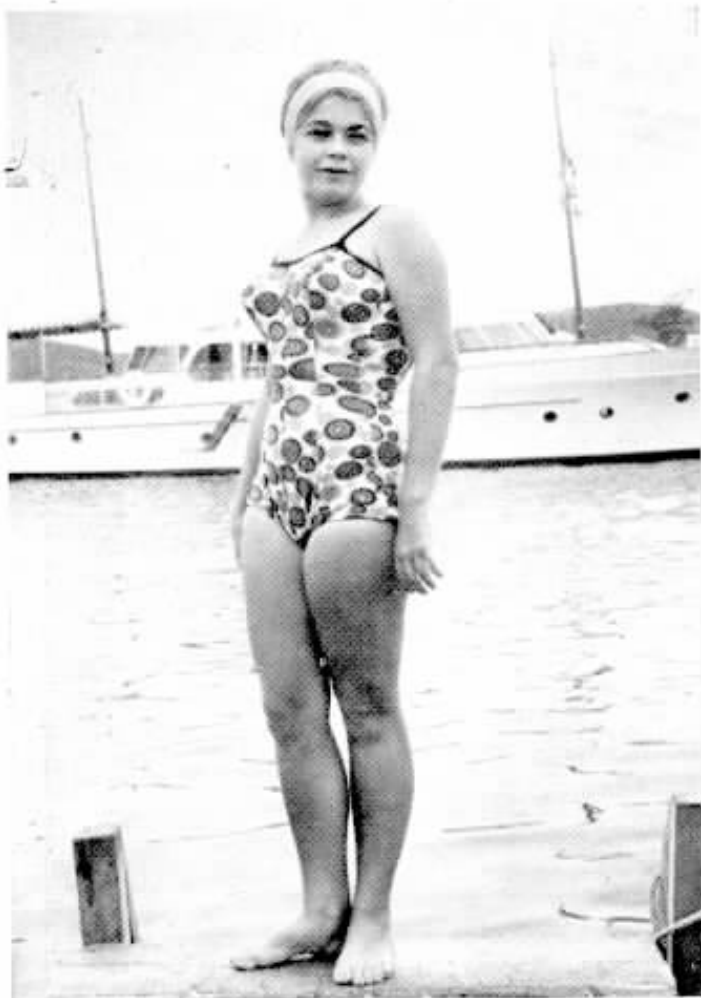


Ivã M. de Souza, telefonista encarregada, ao órgão do Convento de N. S. dos Anjos, dos franciscanos. De pé, Ediléia Silveira, telefonista.





Num recanto do aristocrático Clube do Canal, jóia da terra do sal, vemos Rosa Maria Andrade.



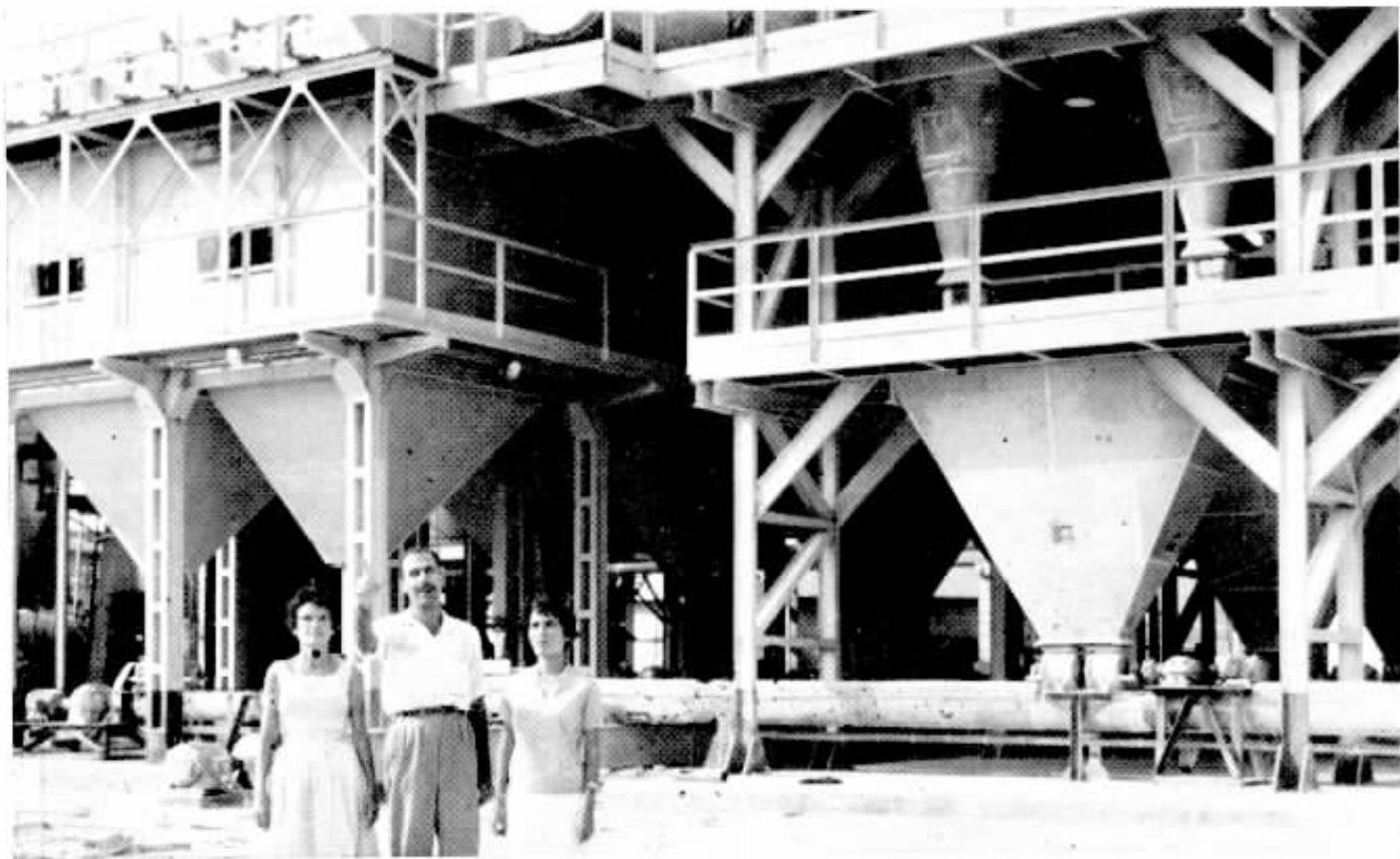
lônias de pescadores, sendo que a pesca da baleia é ali exercida por japoneses, a lagoa de Araruama, as dez belas praias e tanta coisa mais.

A fundação da cidade de Santa Helena, atual Cabo Frio, data de 13 de novembro de 1615, instalando-se o município em 15 de agosto de 1616. Cabo Frio, Araçá, Arraial do Cabo e Saco Fora, são os distritos componentes do município. Um jornal semanário mantém informados os seus cidadãos que ali têm um bom hospital, uma agência da Caixa Econômica, bancos, cinemas, ensino de toda a categoria e até superior. Servida por estrada de ferro e boas rodovias, Cabo Frio é privilegiada.

No âmbito da CTB que ali mantém uma rede de 350 aparelhos, servida pelo trabalho constante de 19 telefonistas e um guarda-rede, são registradas, em média, 77 mil chamadas por mês, o que é um movimento bastante apreciável.

Sim, Cabo Frio vale a pena ser vista. Suas salinas, seus pesqueiros, suas alvas areias, constituem uma dádiva preciosa, um quadro tão belo que é inesquecível.

Ao lado, tendo ao fundo um dos iates que constantemente são encontrados no Cabo, a colega Dulce Barbosa Cactano para quem as praias de Cabo Frio, são eterna atração.



A Fábrica Nacional de Alcalis, cujo forno de cal viva, aparece na foto, é, também, uma das atrações de Cabo Frio. O Sr. Geraldo Simas, do seu departamento de Relações Públicas, foi o amável ciccone para as nossas colegas Gicélia Melo Garcia e Humbelina Batista que não se cansaram de admirá-la.



João Resende dos Reis aí é visto ao deixar, manhãzinha ainda, o prédio da Companhia, na sua lida diária de competente guarda-rede.



Ao lado, uma visita ao velho forte de São Mateus: Hilda Silva Lage e Alacy Tardelli, num encontro com o passado. Ao alto, Marilucia Soares faz um pedido ao técnico de som da emissora local, Paulino: «Toque este, sim?» Abaixo, Luzia S. Rodrigues; uma revista para aproveitar bem as horas do descanso lendo as últimas novidades do mundo.

O que dizem de NÓS



COMO sempre fazemos, em todos os números de nossa revista, esta seção é um pequeno espelho do grande número de manifestações de simpatia, expressa em cartas, ofícios e telegramas, que reconhecem os bons serviços prestados pelos nossos funcionários. São fatos do dia a dia de uma grande organização, traduzidos em palavras de enorme sinceridade e que vêm estimular àqueles que, dentro da CTB, se esforçam cada vez mais, na perseguição dos mais altos padrões do bem servir.

VISITA

A Sociedade Amigos do Núcleo do Instituto de Previdência, em Caxingui, São Paulo, mandou agradecer, em gentil ofício, a recepção dispensada aos integrantes de sua Diretoria Executiva que visitaram a sede paulistana da CTB, percorrendo-a demoradamente, ocasião em que tiveram a oportunidade de

conhecer a aparelhagem de que é dotada a Companhia, nos seus moderníssimos serviços de telecomunicações.

COLABORADOR EMÉRITO

Por sua ativa participação na Campanha Educativa Contra Incêndios, promovida pela municipalidade de São Paulo, foi a Companhia Telefônica Brasileira distinguida com um diploma de "Colaborador Emérito", outorgado pela Comissão Executiva da Campanha contra Incêndios de 1961, sob a presidência do Vereador Ermano Marchetti, no transcor-



rer de sessão solene realizada na edilidade paulistana.

ESCOLA DE AERONÁUTICA

A Diretoria do Cassino de Suboficiais e Sargentos da Escola de Aeronáutica mandou agradecer à Chefia do Distrito do Serviço Rural, em Bento Ribeiro, Estado da Guanabara, "a consideração das telefonistas" que em dias de severa prontidão naquele estabelecimento militar, coope-



raram ao máximo para mantê-lo em permanente ligação telefônica quando era solicitada.

TELEFONISTA DO ANO

O vereador Jamil Gadia, da Câmara Municipal de Campinas, apresentou requerimento, para que constasse de ata, um voto de congratulações com a senhorita Iracy Maria Vidotti e com o "Diário do Povo", a primeira eleita "Telefonista do Ano" e o segundo, promotor do concurso.





HORROR DESENCADEADO

A Câmara Municipal de Taubaté, Estado de São Paulo, ainda sob os efeitos traumatizantes dos inenarráveis acontecimentos registrados na Casa de Custódia e Tratamento daquela cidade, com o incêndio proposital de vários de seus pavilhões e depredação de outros, visando uma fuga em massa de detentos, de que resultaram mortes e prejuízos consideráveis, resolveu inserir em ata, vários votos e referências à solicitude e cooperação encontradas, para debelar a situação anormal então instalada. Pelo requerimento 964/61, foi realçado o trabalho da Companhia Telefônica Brasileira que teve transcendental papel naquela ocorrência.

"NÚMERO, FAZ FAVOR?"

No dia que lhes foi dedicado, as telefonistas de Ourinhos, através do "Diário da Sorocabana", tiveram a oportunidade de receber consagradas homenagens, em crônica assinada por Celso Pinheiro.

VISITA

Diversas instituições situadas em Bauru, ou seja: o Curso de Secretariado do SENAC, Faculdade de Filosofia, Escola Normal Guedes de Azevedo, Escola Normal São José, Escola Normal Liceu Noroeste, Instituto Ernesto Monte, e outros, mandaram turmas em proveitosas visitas às instalações da Companhia naquela cidade, visitas que motivaram ofícios os mais encomiásticos possíveis.

BOA IMPRESSÃO

Professores e alunos do Instituto de Educação Bento de Abreu, de Araraquara, após a proveitosa visita que realizaram às instalações da Companhia Telefônica Brasileira ali situadas, também agradeceram, por carta assinada por Daisy Pimentel, diretora-substituta, "a excelente impressão causada pelos profundos conheci-

mentos demonstrados pelos técnicos e a perfeita ordem e organização dos serviços dessa Companhia".

PREFEITO AGRADECE

O dr. Adail Nunes da Silva, Prefeito Municipal de Taquaritinga, no Distrito de Araraquara, oficiou à CTB, para cumprimentar gerente e funcionários. "Digno dos maiores louvores o trabalho em conjunto, disciplinado e ordeiro desses dedicados servidores que não medem sacrifícios na função de bem servir, com exatidão e pontualidade, os interesses gerais da população local", como diz expressivamente em seu ofício.

AS TELEFONISTAS

A Rádio Barretos, do interior paulista, através de seu popular programa "Um pedaço do Céu", escrito e apresentado por Riciéri Bastos, no dia dedicado às telefonistas, fez louvores os mais encomiásticos ao telefone e suas dedicadas servidoras.



Interventor em nossa Empresa o General Jair Dantas Ribeiro

ATRAVÉS do Decreto nº 814, de 31 de março de 1962, o Governo da União decretou a Intervenção Federal na Companhia Telefônica Brasileira, tendo em vista, entre outros considerando, o artigo 5º, nº XII da Constituição que trata da competência federal para explorar diretamente ou por concessão, os serviços telefones interestaduais, cuja eficiência depende das redes locais e, também, a importância das telecomunicações em áreas territoriais onde se concentram serviços públicos federais, cujo funcionamento regular interessa particularmente à segurança nacional.

Como Interventor, foi nomeado Sua Excelência, o General de Divisão Jair Dantas Ribeiro, sem prejuízo de suas funções de Comandante da 1ª Região Militar, o qual tem poderes de nomear, por sua vez, se preciso fôr, delegados de sua confian-



Sua Excelência, o General Jair Dantas Ribeiro, Comandante da 1ª Região Militar e Interventor Federal na Telefônica.

ça para outras áreas operadas pela CTB.

Militar de sólido conceito no Exército, o General Jair Dantas Ribeiro é considerado em todos os círculos, como o símbolo do verdadeiro soldado, homem probo e intransigente nas suas funções, já tendo recusado por diversas vezes, altas comissões civis, para não se afastar da sua profissão à qual tem dedicado toda a sua vida.

O General Jair Ribeiro recebeu, ainda, do Conselho de Segurança Nacional, instruções especiais para o bom desempenho das suas funções, instruções estas que prevêm o controle geral da Companhia na vigência da intervenção e a apresentação de relatórios mensais da situação dos seus trabalhos, ao Governo, por intermédio do Secretário Geral do Conselho de Segurança Nacional.



Stela Lemos vem grangeando a admiração de seus chefes já há vários anos. Desempenha as suas funções na Superintendência do Tráfego de Divisão da Guanabara.

Atendendo aos inúmeros afazeres do dia, Maria Conceição Farias Dantas, colega de São Paulo, é um exemplo magnífico da boa secretária. Gosta do cargo a que se dedica.

Secretária

Indispensável Colaboradora

A Secretária, eis um bom tema para reportagem. E reportagem difícil, diga-se, a obrigar o repórter a acompanhar o mundo ativo dessas figuras indispensáveis à complexa engrenagem da vida atual.

A primeira secretária de que se tem notícia, chamava-se Lillian Sholes, norte-americana, que, em 1873, deu magnífico exemplo de eficiência feminina, criando uma nova classe de trabalho. E que o exemplo foi bom, depreende-se da enorme quantidade de secretárias que foram aparecendo, acompanhando a história de tôdas as grandes organizações, com outras tantas histórias de paciência, dedicação e eficiência.

↙ O tempo foi o grande autor da obra





Eugênia de Barros, do Departamento de Suprimentos, chega ao serviço para mais um dia de intensa e profícua atividade.



Maria Amélia, do Tráfego de Divisão, Estado da Guanabara.



No refeitório da Telefônica, em S. Paulo, as secretárias, como os demais funcionários da Companhia, fazem pausa para o almoço.

Secretária, elo imprescindível numa

de colaboração do chamado sexo frágil, nas importantes administrações.

Essa colaboração foi, dia a dia, tornando-se indispensável, graças justamente ao apurado espírito da mulher, aos seus dons para a delicada função a que nos reportamos.

Há dois tipos de secretárias: a administrativa e a particular. A primeira, como qualquer outro empregado, via de regra tem nômário com ponto

marcado e seu trabalho está estritamente ligado à função para a qual foi designada. Já a secretária particular é uma espécie de sombra do patrão ou do chefe a que está subordinada. Sempre ao seu lado, acompanha-o às vezes até em suas viagens de negócios. É uma conselheira importante, pronta a resolver até assuntos de importância ligados aos interesses da empresa. A saúde do chefe não tem



Marlene Couto Gonçalves e Edith Carina Abreu Manguieira, à frente.



Tôda a grande correspondência, acrescida da documentação de rotina, é catalogada e arquivada por Maria Cristina Gallimore.



Albina F. Vasconcelos, secretária no Dep. de Engenharia.



Eunice Dantas Potten, outro bom exemplo de eficiência.

organização

segredos para ela que conhece as exigências feitas pelo médico e zela para que elas sejam acatadas. E' a responsável por uma infinidade de tarefas que a transformam na peça indispensável à boa harmonia do serviço.

Em nossa organização, trabalham dezenas de secretárias, distribuídas pelos vários departamentos, tanto na C. T. B. da Guanabara, como na do Estado do Rio e na de São



Nadir da Costa Pinto, do Comercial, na Guanabara, parece meditar. O trabalho é complexo e, às vezes, apresenta problemas.



Outro nome conceituado entre as secretárias veteranas de São Paulo é o de Hercília Dias Ladeira. Sua experiência e zelo pelo cargo que ocupa, tornaram-na admirada por todos, sem exceção.



Zadda Vergolino tem sempre um sorriso, em qualquer ocasião.

Paulo, a exemplo daquelas outras secretárias familiarizadas com o serviço telefônico que desenvolvem as suas atividades na CTMG e na CTES. Algumas são veteranas com um punhado de anos de bons serviços prestados a seus chefes que têm nelas auxiliares efficientíssimas e prestimosas.

Dão-nos as secretárias da Telefônica, uma prova cabal do alto espírito de colaboração e eficiência que possuem, mostrando-nos, também, o que significa o trabalho da mulher, um misto de permanente paciência, cuidado de pormenores, eficiência pessoal, dedicação e boa vontade, numa empresa de telecomunicações.

Albertina de Almeida Pôrto tem, diante de si, o catálogo telefônico, precioso auxiliar indispensável às suas funções.





A elegância e a simpatia cativantes de Aurora Martinho. Requisitos importantes para uma secretária.



Acima, sorriso franco e despreocupado de Mercedes Medeiros, do Departamento do Pessoal, no Rio. Ao lado, Elise Fortunato, outra apreciada colega de São Paulo.





Após o desfile — e os aplausos entusiasmados — elas aparecem em grupo. Tôdas elegantes.

Modelos na Passarela: Sucesso Completo

NUMA festa realizada nas dependências da C. T. B., no Rio, presidida por Carlos Reis Filho, Diretor, à qual compareceram Superintendentes Gerais e outros colegas, treze moças bonitas desfilaram sobre uma passarela, 29 modelos de última moda de verão. Essas moças faziam parte da turma de 57 alunas que concluiu o Curso de Corte

e Costura do ano de 1961, promovido pelo Departamento do Pessoal e Segurança no Trabalho, na Guanabara, e dado pela professora Auzenda Martins de Almeida. E elas mesmas fizeram os vestidos com que desfilaram, numa comprovação de que as aulas alcançaram o mais absoluto sucesso: de agora em diante, elas são

responsáveis por sua própria elegância, e podem se orgulhar disso.

O desfile foi assistido por muita gente, que não pôde deixar de ficar surpreendida com o jeitinho todo especial, de autênticos manequins, das meninas da casa. Deir Leal, que também desfilou, organizou o desfile.



Acima, o Sr. Carlos Reis Filho, Diretor, entregando uma lembrança à professora Auzenda Martins de Almeida. Abaixo, Deir apresenta, com garbo, o modelo «Promenades», vistoso conjunto.

Cleusa Barbosa dos Santos foi a oradora da turma de diplomadas e agradeceu em nome de tôdas as alunas de 1961.





Elisa aparece num elegante «slacks» denominado «Jeunesse», em linho branco com pespontos em vermelho.



Este é um dos belos modelos para a noite, apresentado por Lúcia: gaze verde, justo, pano sólto plissado.

DESFILE DE CLASSE E BOM GÔSTO

○ DESFILE constou de modelos esportivos, passeio e toailete, nos mais variados padrões de tecidos, desde o linho até à seda pura, passando pelo cetim de algodão, popeline e rayon. Predominaram as cores lisas e os estampados eram suaves e em desenhos pequenos, numa mostra da moda de verão do corrente ano.

Além de demonstrar que as colegas estão inteiramente integradas no espírito da moda, o desfile veio comprovar que existe um bom gosto também para os acessórios, que funcionaram admiravelmente com os trajes apresentados. Por outro lado, a maneira de andar, de "dar a vol-tinha" dos autênticos manequins

foi observada, dando a impressão de um desfile de profissionais. Classe foi a nota dominante.

A variedade dos nomes dá bem a mostra da diversidade dos modelos: Promenade, Capri, Jeunesse, Sabrina, Dernier Cri, Yankee, Chinoise, Printemps, Rondinella, Pôsto Dois e Meio, Dry Martini, Bianca, Gigí, Topaze, Pret-à-Porter, Amore Mio, Vanité, Vent-Vert, Fetiche, Sortilège, Nouvelle Vague, Soirée Blanche, Plaisir, Green Serenade e Crepúsculo foram apresentados em sucessão, todos eles admirados por sua categoria e pela perfeição do acabamento.



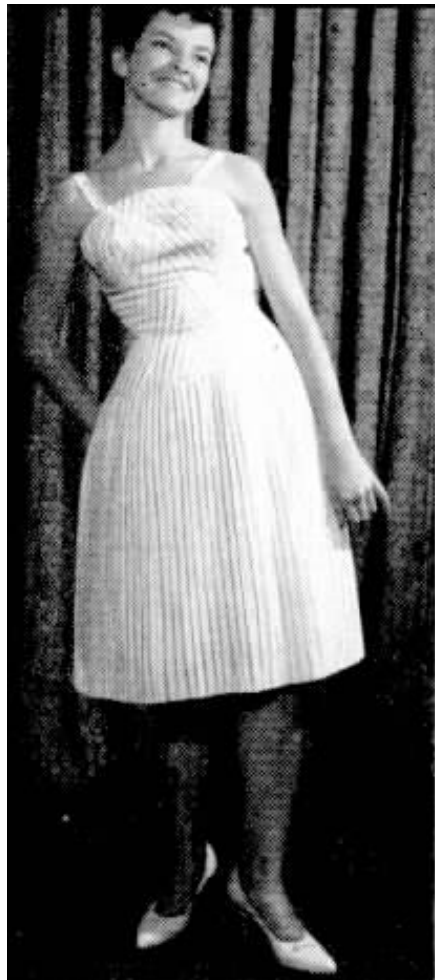
Deleida veste o modelo Bianca, em rayoné branco. Saia um pouco evasée e blusão com mangas três quartos.

Foi um dia de festa para as colegas do Curso de Corte e Costura.

Seria difícil destacar qualquer dos manequins, pois tôdas fizeram sucesso. Em relação aos modelos, acontece o mesmo — formaram um conjunto harmonioso, cada qual dentro do seu estilo, tendo como nota comum o bom gôsto e as linhas modernas, rigorosamente atuais, da elegância 1961-1962.

Nos conjuntos esportivos, a leveza e a jovialidade; nos modelos de passeio, a simplicidade bem feminina; nos trajes de noite, o requinte discreto, realçado por detalhes ou pelo próprio tecido.

A esquerda, ultra elegante é o modelo que Deir veste, em mousseline «imprimé» azul e branco. Drapeado sôlto na frente que termina num apanhado sôbre o ombro esquerdo.



A esquerda, primeira foto, Elisa apresenta Itapoã: vestido de alças, em popeline listrada azul e branco, e cintura comprida. No corpo as listras são enviezadas e a saia é totalmente pregueada. O modelo é bem juvenil e é ótimo para as manhãs e as tardes de sol, devendo ser usado com complementos brancos. Por outro lado, nada de colares ou broches, que não se adaptam a vestidos de alças.

A esquerda, segunda foto, Maria Alice aparece com mais um listrado: Itapoã, também em azul e branco (dois tons de azul) e em listras mais largas. No corpo elas são enviezadas, formando o modelo, alças, só a partir dos ombros e um decote em V. O bolero é aberto na frente e tem um laço branco aplicado. Decote redondo preso ao pescoço e mangas curtas completam



A esquerda, primeira foto, Olímpia apresenta um modelo semi-toailete, denominado Taiti. Em cetim de algodão de vários tons de azul, formando listras enviezadas, o modelo é reto, sem cintura, que fica marcada apenas pelo cinto, dando um pouco do estilo «blousante». Muito simples, sem mangas e com decote arredondado junto ao pescoço, o feitiço requer um bonito colar de contas em várias voltas e luvas brancas.

A esquerda, segunda foto, o modelo Capri, apresentado por Deleida. Trata-se de um conjunto composto por calça «Príncipe de Gales», nas cores Havana e branco, e blusão em linho grosso, branco, de mangas três quartos. Os detalhes do blusão são a grande gola em pontos e dois bolsos em tricô aplicados na altura da barra. Ele combina ótimo com sapatos de duas cores, branco e Havana escuro, pespontados.

A direita, primeira foto, o ultra-chic Vanité, em rayon de sêda pura «perlé». Corpo comprido e saia evasée marcam a sua linha bem discreta, além da cava bastante acentuada. O decote é arredondado, formado por uma tira enviezada que vai se abrindo nas costas. Para complementar êste modelo, sapatos lisos, também «perlé», luvas de camurça marrom e uma pequena carteira. Olímpia está pronta para um compromisso à noite, e como vêem, elegantíssima.



A direita, segunda foto, Gigi, apresentado por Cremilda, em linho rosa. Modelo duas peças, com saia evasée e blusão de mangas três quartos, fechado na frente com três grandes botões de madrepérola. O decote é redondo, justo, completado por um colar de pérolas de várias voltas. Detalhe: duas pequenas aberturas na barra do blusão, na linha das «pences». Sapatos côr de gêlo e aí está uma elegância bem discreta e suave.

A direita, primeira foto, vemos Maria Lúcia no modelo «Five o'clock» — um chemisier em tergal estampado, totalmente plissado a partir do busto. A cintura ajustada dá o toque «bloussante» e o feitiço é completado por uma pala larga no colo, sem mangas e com decote reto. É o chamado modelo de coquetel, ao qual se adapta um colar de contas pequenas e finas. No estampado predomina a côr havana, que é também a côr ideal para os complementos.



A direita, segunda foto, Célia mostra outro modelo bem toailete, em rayon de sêda branco. A característica principal dêste modelo duas peças é o blusão bem comprido, que vem até abaixo dos quadris e toma a forma evasée. Ele é também sem mangas e tem decote reto, e como detalhe apresenta uma grande rosa prêsá num dos lados da cintura. A saia é justa e as luvas, como complemento, são de côr bem contrastante, assim como o sapato.

REI MOMO DEU O GRITO DE CARNAVAL



Quando os gôrdos se encontram... Rei Momo, diante da rotunda e popular gordura do colega José Salema, no Rio, não pôde esconder a sua admiração. E Salema, a «rigor», não ficou para trás em animação. Mostrou que é um bom carnavalesco.



A gurizada compareceu em massa, pronta a dar o seu quinhão, na festa promovida pelo Telefônica Clube em São Paulo.

○ CARNAVAL é, de fato, a maior festa popular do Brasil. A sua chegada, com todo o seu aparato monárquico, sua côrte, suas rainhas e princesas, paradoxalmente se estabelece a mais soberana das democracias, nivelando tôdas as classes, raças e atitudes. No âmbito dos clubes da C.T.B. no Rio e em São Paulo, mais uma vez, em 1962, isto se pôde comprovar, com a presença, no Rio, do Real e Augusto Soberano, Sua Majestade, o Rei Momo I e Único que ali foi dar o "grito" da Folia. E todos obedeceram.

A esquerda, um flagrante entre os «brôtos» e, à direita, aspecto parcial do grande salão, tomado pelos foliões na grande festa de Momo, do TC, em S. Paulo.



À FAMÍLIA TELEFÔNICA



O pequeno romano «paulista», apesar de bem acompanhado por outro «patricio» e por duas belas baianas, custou a pegar animação. Mas o Carnaval contagia e depois, foi... pulou, sambou e cantou



Acima, ao alto, uma chinesa que o Carnaval deixou ver bem autêntica. Embaixo, uma espanhola menos autêntica, na nacionalidade, mas igual na animação, sucessos em S. Paulo, como se pode notar.





Colegas Fazem Teatro e Conquistam Prêmios

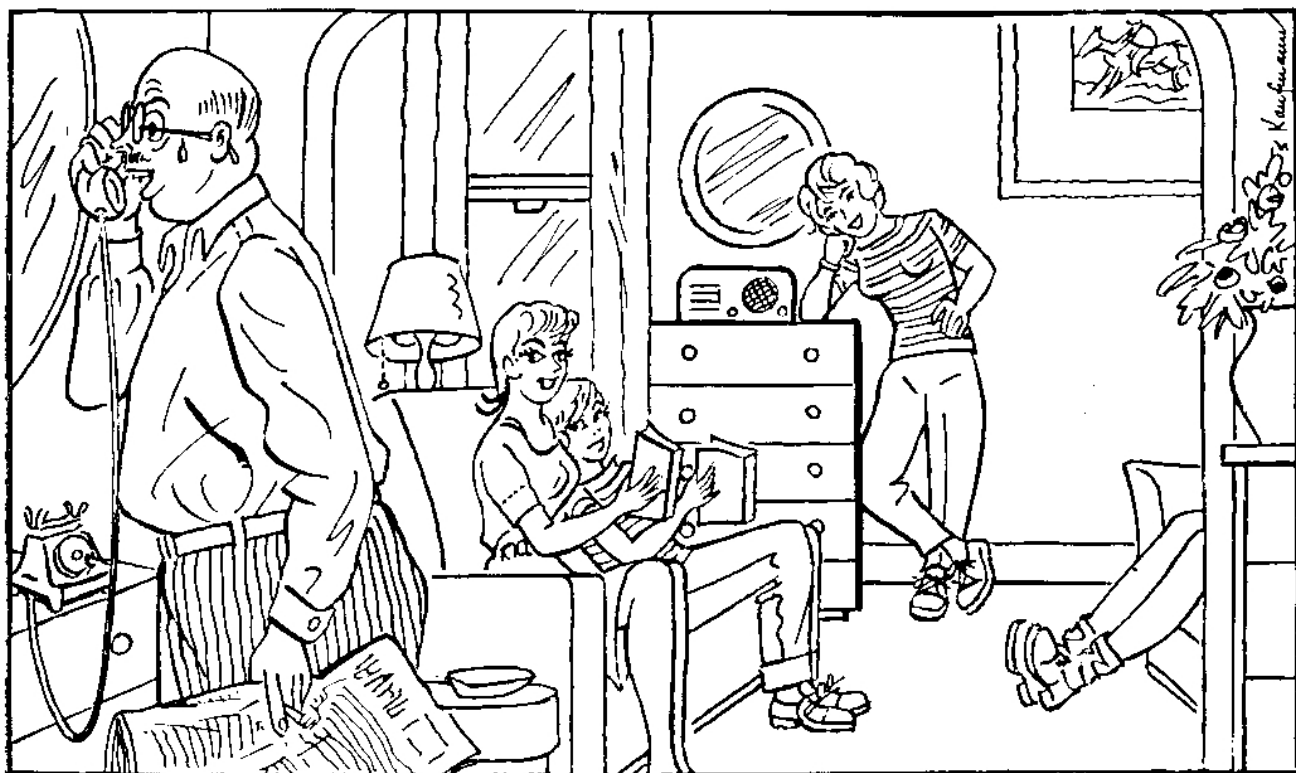
OS Guanabarinos, grupo teatral formado por maioria de funcionários da Companhia Telefônica Brasileira, concorreram ao II Festival de Teatro Infantil, do Estado da Guanabara, com a peça "O Consertador de Brinquedos", de autoria da conhecida poetisa Stella Leonardos. Conquistaram eles os nove primeiros prêmios, sendo um do Serviço Nacional de Teatro, no valor de cem mil cruzeiros, como o melhor espetáculo e os outros, a saber: a melhor peça; diretor de peça, Hélio Neri; ator, Ary Sécça, que é visto ao lado de frente ao espelho caracterizando-se; atriz, Claudia Luna, que aparece nesta página como figurou na peça premiada; iluminação, Francisco Valente, que se nota à direita no afã que lhe deu a primazia no festival; cenário, sonoplastia e guarda-roupa, coube ainda a Hélio Neri que, ao lado, mostra à colega Lizete A. Rocha, um dos valiosos prêmios que recebeu.



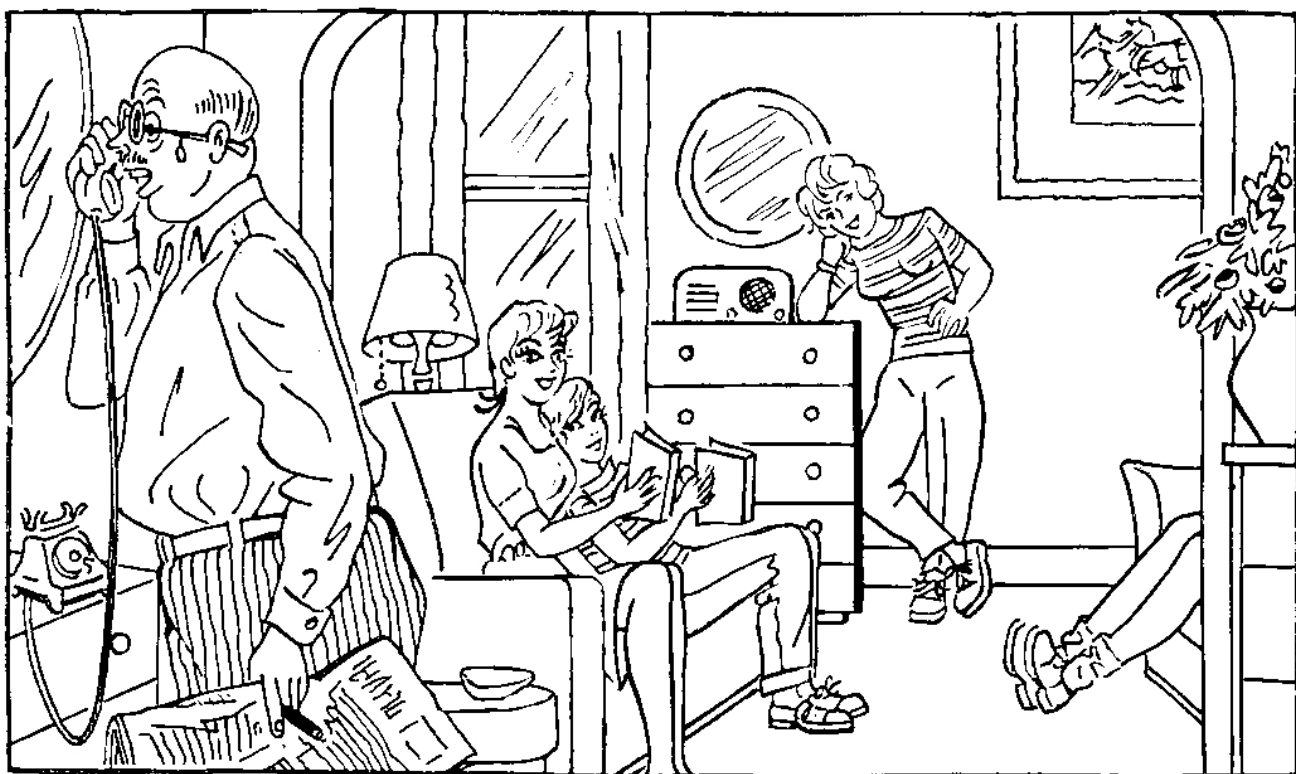
ENIGMA dos ENGANOS



VEJA, CARO LEITOR, SE VOCÊ
CONSEGUE DESCOBRIR OS
9 ENGANOS COMPARANDO
O DESENHO ① COM O ②
(SOLUÇÃO NA ÚLTIMA CONTRACAPA)



Certamente que o Sr. poderá casar-se
com minha filha, mas com qual delas?





Junto a alguns dos objetos, confecções e trabalhos diversos, expostos, algumas das alunas dos diferentes cursos de Corte e Costura, Arte Culinária e Horas de Lazer, mantidos pela CTB em S. Paulo

VI Exposição de Trabalhos Manuais em São Paulo

AS nossas colegas de São Paulo, alunas dos cursos de Corte e Costura, Arte Culinária e Atividades de Horas de Lazer, orientados pelo SESI, promoveram a VI Exposição de Confecções e Trabalhos Manuais, levada a efeito na sede do Telefônica Clube, contando o empreendimento com a gentil colaboração dos decoradores da Casa Anglo-Brasileira, antiga Map-pin Stores.

O ato inaugural teve a presença de D. Isney Isabel Gurgel e do Sr. Christóvão de Castro, pelo SESI, superintendentes e outras colegas da CTB. Na ocasião foram entregues certificados de conclusão dos cursos citações.



Dona Isney Isabel Gurgel, representando o SESI, teve a agradável tarefa de desatar a fita simbólica que inaugurou a Exposição. A seu lado, José Portugal Gouvêa, Diretor-Superintendente Comercial do Interior de S. Paulo. Mais uma bela realização no gênero.



Rosa Benedicta Diniz, escriturária, parece esperar a opinião de sua colega Alcina G. J. Luiz, sôbre o trabalho que executou para a exposição. Alcina gostou bastante.

A direita: excelentes foram os trabalhos exibidos, revelando a habilidade dos nossos colegas. Sarah Ferrari, aprecia um animal feito de pano para ornamento caseiro.



Acima, flagrante da entrega do certificado de Corte e Costura à colega telefonista Célia da Silva, pela representante do SESI, D. Isney Isabel Gurgel. A mesa, outras autoridades. Ao lado, Lucía Varella e Maria A. Salla, vêm bolsas.





Lydia Martha Weidman Baltruk, colega enfermeira, do Departamento do Pessoal, completou o Curso de Arte Culinária e mostrou exuberantemente tudo quanto aprendeu. Aprovada com distinção.



Iza Valença, colega telefonista, nas horas de folga, aprendeu a arte culinária e demonstra, na foto, para nós, como procede, cheia de cuidados e de esperanças, quando abre o forno onde assou delicioso pitêu preparado com as receitas aprendidas.



Conto de *Guilherme Figueiredo*

SEM desprezo ou ofensa para com os senhores diretores e empregados da Companhia Telefônica Brasileira, da qual fui honrado, feliz e pontual assinante, começo por declarar que o meu aparelho possuía um singular defeito. Cheguei a chamar, por algumas vezes, o competente cavalheiro encarregado de examinar os telefones; o qual, após uma vistoria clínica e mesmo anatômica, sempre declarava que eu estava redondamente enganado. Por várias vezes expliquei-lhe que não me chamo Brandão -- e ele retrucou que a Companhia sabia perfeitamente disto, tanto que, no competente catálogo, lá estou consignado como Campelo. Campelo com um "l", vírgula Antônio Farias, nomes recebidos na pia batismal, de minha mãe e, para efeitos de índice em primeiro lugar, Campelo, como sou conhecido na loja, no clube (onde os íntimos me chamam de Campelinho, para catucar o meu complexo proveniente da minguada estatura) e na roda de buraco de Dona Alda Silvestre, que freqüentava nos primeiros dias de cada mês. Nos dias seguintes, quando o ordenado já não dava para o prazeroso buraco, ficava em casa

lendo romances policiais, geralmente retirados da biblioteca do clube. Pois foi justamente nessas ocasiões que o meu telefone tilintou; deixei o detetive Poiret em suspenso, atendi:

— Alô?

E uma voz feminina, do outro lado do fio, indaga:

-- Brandão?



Já disse que não sou Brandão, mas a voz insiste. Digo o número do meu telefone; ela o repete, igualzinho; insisto em que "é engano"; ela chegou a retrucar que a minha voz é do Brandão. E chama de novo. A princípio pedia desculpas e até achava graça:

— A sua voz é igualzinha à dele.

-- Juro que a senhora está enganada.

-- O número é o mesmo.

-- Não pode ser. Consulte a lista e veja lá: Campelo, Antônio Farias.

Parece que ela consultou, porque telefonou de novo para se desculpar e acrescentar que, no entanto, tinha o número daquele Brandão exatamente como o meu -- e a minha voz era a voz do Brandão. Depois disto, deixou de telefonar por uns tempos, o que me fez crer que houvesse descoberto o engano, e já andasse a telefonar para Brandão, deixando Campelo em paz. Como, porém, voltasse a chamar, tornei a me valer dos préstimos do caritativo empregado da Telefônica. Ele alvitrou a possibilidade de uma dessas impertinências de mau gosto a que chamam "trote"; refleti que, para ser trote, a troteadora tinha muito pouco espírito, já que nada dizia de gaiato e apenas trocava o meu nome.

Cometi a imprudência de contar o fato a algumas pessoas, na loja, no clube, no buraco; e um amigo, gaiato freqüentador desses três lugares, um dia gritou por mim, bem alto:

— Brandão!

Não atendi, mas riram. A piada pegou. E volta e meia sai-se um palhaço a



dizer: "Como vai, Brandão!", ou "Joga, Brandão...», ou "Conhece aqui o nosso Brandão?". É incrível como uma piada bôba circula muito mais do que uma boa piada... Uma tarde, dançando com uma jovem que pela primeira vez ia ao clube, ela me disse: "Seu Brandão, o senhor dança muito bem..." Diante do elogio, não quis corrigir o nome; e como a jovem fôsse desembaraçada e mesmo irreverente, ao fim de alguns minutos me pespegou esta:

— É pena que o senhor se chame Brandão...

— Por quê?



O que me irritou na brincadeira não foi a constatação de minha pouca altura, mas o fato de verificar que eu, inconscientemente, havia admitido que meu nome era Brandão.

— Tão pequenininho... O senhor devia se chamar Brandinho.

Larguei a jovem num canto e voltei aos romances policiais. E mal Poirot saíra a descobrir o fio da meada, lá veio o tilintar do telefone.

— Alô?

— Brandão?

Subiu-me um desfôro, que a boa-educação mandou estrangular na garganta. De qualquer modo, indignado, explodi:

— Minha senhora: desista de telefonar para êste número à procura dêsse Brandão! O Brandão morreu!



Antes que ela desligasse, teria eu ouvido um soluço? Provável porque meia hora depois a voz chamou de nôvo:

— Por favor, meu senhor... o senhor me desculpe... O Brandão morreu mesmo?... De quê?... Como foi?... Coitado...

Engrolei que Brandão tinha morrido havia meses; que eu era primo dêle e me chamava Campelo; e por ser primo é que possuía a mesma voz. A mulher entrecortava as palavras, emocionada, gaguejava, suspirava... Queria pormenores da morte de Brandão. Inventei os pormenores, que geraram novos soluços. Por fim eu já admirava e invejava aquê-

le defunto capaz de arrançar tanta dôr de um coração feminino. Quando ela me pediu, como caridade, que eu consentisse em novos telefonemas, só para que ela ouvisse a voz do irrecuperável Brandão, decidi ir no dia seguinte aos escritórios da Telefônica suplicar, como uma graça especial, que mudassem o número do meu aparêlho. E fui, de raiva, também, porque nunca mulher alguma havia demonstrado tamanho amor para comigo, tamanho desespero ao perder-me, tamanho desejo de ver-me, de ouvir-me, de chamar-me, tamanha teimosia em ligar para um único número entre centenas de milhares de assinantes, e justamente o número que não era Brandão, para chamar aquêle felizardo e perdulário Brandão... O meu número de telefone, eu o dera a várias pequenas, a diversos pretextos, escrito em cartões de visita: com a promessa de emprestar livros, discos, a de acompanhá-la a bailes, a de levá-las a praias, e de ajudá-las em pequenos misteres... Nunca, nunca nenhuma me havia telefonado! E no entanto, Brandão, o mulherengo, o gozador, esbanjava-se tanto que até dava o número do meu telefone... Pra quê telefone? O melhor mesmo, em vez da mudança de número, coisa ridícula se me indagassem o motivo, era desistir da assinatura do telefone, perdê-lo, perder essa preciosidade inútil para mim, já que ninguém, ninguém, absolutamente ninguém me chamava, nenhuma voz indagava do outro lado do fio: "É você, Campelo?" Ou mesmo: "É você, Campelinho?" Ah, se assim fizesse aquela morena de olhos que pareciam dois manjares com ameixas, que um dia me olhou soberanamente, do alto (como aliás fazem

tôdas, morenas e louras, por causa desta minha maldita pequenez), e que me perturbou tanto que perdi a voz quando lhe fui apresentado, e gaguejei como um último-da-classe... Lembro-me de que fiquei tão tonto, tão idiota, que me lancei a ela para dançar, não própria-mente para dançar mas para me segurar a alguma coisa... E durante a



dança fui respondendo com uivos monossilábicos à sua conversa, enquanto lhe pisava torpemente os pés... Ao fim da música, antes que ela me lançasse ao limbo dos solitários, ousei meter a mão no bolso do paletó, tirar um cartão, rabiscar o meu número, metê-lo em suas mãos balbuciando que lhe emprestaria discos, ou livros, sei lá, dessas besteiras que os homens de cabeça virada dizem às mulheres para que elas fiquem rindo êsse riso parado, de picdosa zombaria, de altiva condescendência... Nem ela nem nenhuma outra nunca me telefonou; aquela silenciosa máquina de ebonite ria sempre para mim os seus dez dentes numerados... Inútil ter cartão de visita, inútil ter telefone, inútil existir na lista, inútil pagar todos os meses... Nada de trocar número; o que eu devia fazer era expulsar de casa

aquêlo pequeno monstro negro e arrancar do meu nome o número pelo qual a cidade, o mundo poderia saber da minha existência...

Foi o que fiz. Quando expliquei, ao funcionário da Companhia, que não queria mais telefone, o homem esbugalhou os olhos. Considerou-me, é claro, um imbecil ou um louco. Perguntou: talvez eu preferisse desligar provisoriamente, e assim conservaria a raridade; ou talvez, se fôsse caso de continuados aborrecimentos, eu preferisse mudar o número. Respondi que não, sumariamente. Queria entregar meu telefone. Queria ficar incomunicável no meu apartamento. É provável que êle me tenha atribuído alguma psicose, porque, para chamar atenção para minha insensatez, contou o caso dum sujeito que enlouquecera de modo justamente contrário: dera para furtar telefones e colecioná-los em casa, como quem coleciona selos. Falou que dentro de uma semana o telefone estaria retirado; retruquei que não: queria já. Êle me apertou a mão com veemência, considerando-me um verdadeiro benemérito. E de fato, ao voltar para casa, já o porteiro do apartamento havia deixado — por minha ordem — que levassem o monstro. Dentro da minha miserável solidão, Brandão estava morto. E com êle, aquela mulher. Passei a consumir toneladas de romances policiais. Deixei o clube. Desapareci do buraco. Na loja, pedi transferência do balcão de vendas (trabalho numa loja de artigos femininos) para o fundo do almoxarifado, trabalho execrado por todos os empregados. E passei a sair de lá depois do expediente — tanto que me aumentaram o ordena-

do mas eu nem liguei. O patrão anunciou minha promoção, apertou minha mão, gemi um muito-obrigado, dei meia-volta, caí fora.

— Brandão!

Uma voz gaiata, remanescente das piadas do clube, da própria loja, do jôgo de buraco, me alvejava pelas costas. Voltei-me pronto a explodir — e o sorriso dos olhos de manjar com ameixas me deteve...

— Me disseram que você tinha morrido... Telefonei milhões...

Abriu a bolsa, tirou o cartão já poído, manchado — de lágrimas, sim! — o cartão com o número do meu telefone, o cartão do meu alfaiate, o Quincas, Joaquim Brandão, que não sei por que cargas d'água estava no bolso do paletó dos domingos, das domin-gueiras, o paletó em cujo avêssô, na nuca, havia a etiqueta Joaquim Brandão — alfaiate, o paletó em cujas costas, ali junto do nome oculto, o pessoal batia uma palmada para me chatear: "Como vai, Brandão?".

Perdi o telefone. Brandão perdeu o telefone. Mas tenho telefone. Não preciso dêle, ninguém precisa telefonar para mim. E' o telefone de minha patroa, a des olhos de manjar com ameixas. Não digo o nome, não.





Após a inauguração: o Dr. Amílcar Savassi, Prefeito de Barbacena, ao centro, tendo à direita, o Dr. Stelio Ribeiro, Diretor dos Serviços Administrativos da Prefeitura, ladeados pelos representantes da C.T.M.G., Dr. Hugo Pinheiro Soares e Jayme P. Figueiredo, e, ainda, Luiz Claudio Garrido, Ruyter Miranda e Olinda dos Santos Tré, também da empresa concessionária.

MAIS 400 TERMINAIS PARA BARBACENA

VENCENDO todos os tropeços e dificuldades que naturalmente decorreram da conjuntura brasileira no último quinquênio, a cada dia mais agravada, a Companhia Telefônica de Minas Gerais inaugurou, no ano passado, o seu novo centro automático com capacidade para mil linhas, as quais foram entregues ao serviço dos usuários em solenidade marcante, naquela oportunidade. Esse notável melhoramento se fez possível graças, principalmente, à compreensão de nossas autoridades municipais que, enfrentando com realismo o desassombro o problema, aceitaram os justos e ponderáveis argumentos da concessionária, permitindo a adoção do sistema de participação dos assinantes no empreendimento, fazendo-se, estes, acionistas da empresa, ao financiarem parte do custo das instalações.

Barbacena, aliás, foi pioneira quanto à aplicação desse salvador processo de solução aventado para um problema que vinha se tornando insolúvel — processo agora oficializado em todo o Estado, por força de lei. E muito se deveu, no caso, ao Prefeito e aos Vereadores de Barbacena, que se portaram com espírito

público e asseguraram o êxito da iniciativa.

Mas, tão logo realizado o empreendimento, as mil linhas instaladas tornaram-se insuficientes, registrando-se uma nova demanda da ordem de 400 candidatos a telefones. A concessionária tratou da imediata instalação do equipamento adicional, para atender àquela demanda.

Recentemente, foram postas em tráfego as 400 novas linhas, tendo comparecido à sede da Companhia para dar o melhoramento como inaugurado, o Prefeito Amílcar Savassi. Na ocasião, presentes os Srs. Jayme F. Figueiredo e Hugo Pinheiro Soares, representando a administração da Companhia, funcionários da C. T. M. G. e o Diretor dos Serviços Administrativos da Prefeitura, Dr. Stelio Ribeiro, o Prefeito deu por inauguradas as novas linhas automáticas, dirigindo à concessionária, palavras de agradecimento pelo permanente interesse que sempre demonstrou, com o objetivo de dar à cidade, um serviço telefônico moderno e eficiente. Logo em seguida, as novas linhas foram postas a funcionar.



VÁRIAS VISITAS FEITAS ÀS INSTALAÇÕES DE NOSSA

ACIMA, o Sr. Virgílio Lopes da Silva, Secretário de Segurança Pública de São Paulo, e Srs. Clodomir Colaço Veras, Benedito Carvalho Veras e José Campanela, visitaram as instalações da CTB em São Paulo e ouviram as explicações expedidas por Carlos Reis F., Geraldo Blum e Milton Galon, sobre serviços telefônicos.

ABAIXO, alunos do Curso de Administração do Pessoal, do IDORT, acompanhados do prof. José Serson, visitaram a CTB, em São Paulo, sendo recebidos por Milton Galon. Os visitantes se mostraram entusiasmados com os métodos de treinamento das nossas colegas telefonistas.





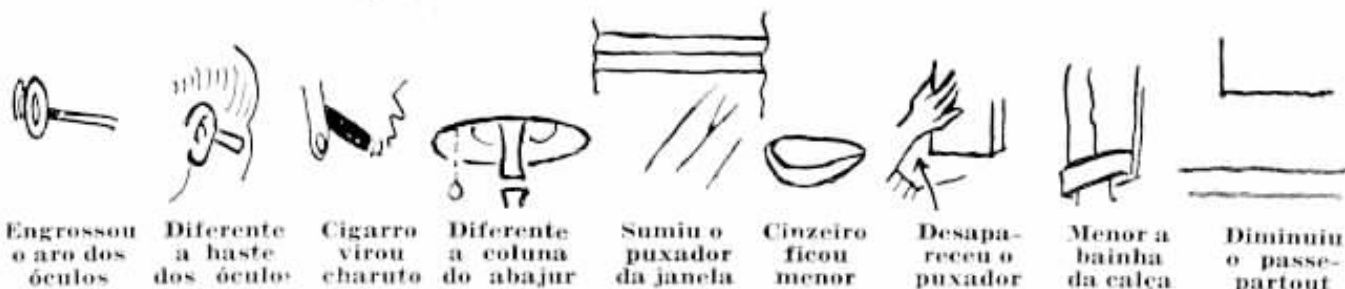
COMPANHIA NAS CIDADES DE S. PAULO E DE RESENDE

COMO nos anos anteriores, mais um grupo de oficiais e cadetes do Curso de Comunicações da Academia Militar das Agulhas Negras, esteve em visitas às instalações da Companhia Telefônica Brasileira, na cidade de Resende. Aos cadetes, que estavam sob a orientação do primeiro-tenente Kleber Nabuco de Araújo Sá Rêgo, foram mostradas as dependências daquela Estação, deixando-os bem impressionados, a complexidade do equipamento telefônico e o processamento das ligações tele-

fônicas, bem como o serviço ininterrupto das telefonistas.

Na ocasião, a pedido dos visitantes, foram feitas demonstrações sobre localização e reparos de defeitos nos circuitos telefônicos externos. Na foto, o grupo visitante observa, atento, a explicação de funcionários da nossa Companhia, sobre as anotações das chamadas telefônicas interurbanas e internacionais, registradas nos bilhetes pelas telefonistas.

SOLUÇÃO DO «ENIGMA DOS ENGANOS»



Engrossou o aro dos óculos

Diferente a haste dos óculos

Cigarro virou charuto

Diferente a coluna do abajur

Sumiu o puxador da janela

Cinzeiro ficou menor

Desapareceu o puxador

Menor a bainha da calça

Diminuiu o passe-partout



Sino Humor

através da imprensa mundial



- É sua senhora que manda perguntar se o Sr. realmente gostava muito do seu carro...



- Não sei quem é a gostosura com quem o Sr. quer falar... Além disso meu marido está chegando...

DEPOIS DO CARNAVAL:



- Agora as crianças vão falar com papai!



- Telefonaram 3 vezes para Você, gritavam: "Rosinha, ôba, ôba..."



- Também te beijo, M...m...m...! Agora, desligue, querida...